Pênfigo vulgar e pênfigo foliáceo endêmico no Brasil: evidências científicas e potencial da fitoterapia no manejo clínico

Autor(res)

Gilberto Gonçalves Facco
Willian Carlos Millan
Rosemary Matias

Categoria do Trabalho

Pós-Graduação

Instituição

UNIVERSIDADE ANHANGUERA - UNIDERP

Introdução

Pênfigo vulgar (PV) e pênfigo foliáceo endêmico (PFE), conhecido como “fogo selvagem”, são doenças bolhosas autoimunes crônicas que afetam principalmente pele e mucosas, caracterizadas pela produção de autoanticorpos contra desmogleínas, resultando em acantólise e fragilidade epitelial. No Brasil, estudos recentes têm avançado na compreensão de sua epidemiologia, genética e manejo terapêutico. Barcelos et al. (2024) identificaram concentração persistente de casos de PFE e PV em áreas rurais de Minas Gerais, associada a fatores ambientais e genéticos que mantêm a endemicidade. De Oliveira et al. (2024) demonstraram distribuições diferenciais dos alelos FCGR2A e FCGR3A em pacientes brasileiros, reforçando a heterogeneidade genética e a variabilidade da resposta imune.

Apesar do avanço das terapias imunossupressoras, corticosteroides sistêmicos e agentes biológicos permanecem como tratamento principal, frequentemente associados a efeitos adversos e acesso limitado. Nesse cenário, cresce o interesse por abordagens complementares, especialmente a fitoterapia. Wang et al. (2024) destacam que pesquisas globais sobre pênfigo têm explorado compostos naturais com potencial imunomodulador e antioxidante. Extratos vegetais bioativos podem modular vias inflamatórias, reduzir estresse oxidativo e favorecer reparo tecidual, oferecendo alternativa promissora e de baixo custo.

Integrar estratégias fitoterápicas ao manejo do pênfigo apresenta-se como abordagem viável e sustentável, particularmente em regiões endêmicas com restrição de acesso a medicamentos biológicos. Essa perspectiva se alinha à medicina personalizada e integrativa, fomentando inovação terapêutica baseada na biodiversidade e no conhecimento tradicional.

Objetivo

Analisar as evidências científicas sobre o pênfigo vulgar e o pênfigo foliáceo endêmico no Brasil, com ênfase na compreensão epidemiológica, genética e terapêutica dessas doenças, destacando o potencial da fitoterapia como estratégia complementar e sustentável para o manejo clínico, a partir de compostos vegetais com ação imunomoduladora, antioxidante e reparadora tecidual.

Material e Métodos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de revisão narrativa, fundamentada na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), com o propósito de identificar e interpretar as principais evidências científicas relacionadas ao pênfigo vulgar (PV) e ao pênfigo foliáceo endêmico (PFE) no contexto brasileiro. A abordagem foi organizada em três etapas analíticas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, conforme os preceitos metodológicos da autora.

Na fase de pré-análise, realizou-se a seleção criteriosa de artigos científicos publicados entre 2015 e 2025, com foco em estudos sobre epidemiologia, genética, manifestações clínicas e terapias convencionais e alternativas aplicadas ao PV e ao PFE. As bases de dados consultadas incluíram PubMed, Scielo, Scopus e Web of Science, utilizando descritores combinados em português e inglês, como pemphigus vulgaris, endemic pemphigus foliaceus, Brazil, phytotherapy e medicinal plants.

Durante a exploração do material, os textos foram submetidos à leitura exaustiva e categorizados em eixos temáticos, a saber: (1) aspectos epidemiológicos e genéticos do pênfigo no Brasil; (2) limitações das terapias imunossupressoras; e (3) potencial terapêutico da fitoterapia no manejo clínico.

Por fim, na etapa de tratamento e interpretação dos resultados, os dados foram organizados e discutidos de forma crítica e integrativa, destacando as contribuições de autores como Barcelos et al. (2024), de Oliveira et al. (2024) e Wang et al. (2024). Essa análise permitiu identificar tendências, lacunas e perspectivas relacionadas ao uso de compostos vegetais bioativos como alternativa complementar e sustentável para o tratamento do pênfigo em regiões endêmicas.

Resultados e Discussão

A análise dos artigos selecionados, realizada segundo Bardin (2016), permitiu a organização do conteúdo em três categorias temáticas que refletem a evolução científica e terapêutica do pênfigo vulgar (PV) e do pênfigo foliáceo endêmico (PFE) no Brasil. As evidências analisadas revelam avanços significativos na compreensão imunológica e clínica das doenças, bem como perspectivas inovadoras para o manejo terapêutico, incluindo abordagens fitoterápicas complementares.

Categoria 1 – Epidemiologia e perfil imunológico do pênfigo no Brasil

Os estudos de Barcelos et al. (2024) e Aoki et al. (2015) confirmam a concentração de casos de PFE e PV em regiões rurais do Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, especialmente em Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Essa distribuição endêmica relaciona-se a fatores ambientais, genéticos e imunológicos específicos. Diaz et al. (2000) e o estudo sobre níveis de autoanticorpos anti-desmogleína 1 e 3 reforçam que a patogênese das formas endêmicas decorre da produção de autoanticorpos direcionados contra desmogleínas, proteínas essenciais para a coesão epidérmica.

Os resultados indicam que níveis elevados de anti-desmogleína 1 estão mais associados ao PFE, enquanto anti-desmogleína 3 prevalece em PV. Essa diferenciação sorológica tem valor diagnóstico e prognóstico, permitindo compreender a heterogeneidade clínica das lesões. Assim, o componente imunogenético, discutido por Oliveira et al. (2024), reforça o papel dos alelos FCGR2A e FCGR3A na modulação da resposta autoimune.

Categoria 2 – Estratégias terapêuticas e diretrizes clínicas brasileiras

A Sociedade Brasileira de Dermatologia, em consenso publicado por Porro, Hans Filho e Santi (2019), destaca que o tratamento de primeira linha ainda se baseia em corticosteroides sistêmicos e imunossupressores, como azatioprina e micofenolato de mofetila. Contudo, tais fármacos estão frequentemente associados a efeitos adversos graves e comprometimento da qualidade de vida.

Estudos clínicos recentes, como os de Barcelos et al. (2024), apontam melhora no controle da doença com terapias biológicas, notadamente o rituximabe, embora o alto custo e o acesso limitado representem barreiras importantes, principalmente em áreas endêmicas. Esse cenário reforça a necessidade de estratégias complementares de baixo custo, com segurança e eficácia comprovadas.

Categoria 3 – Tendências emergentes e potencial da fitoterapia

As análises bibliométricas de Wang et al. (2024) e Öztekin e Öztekin (2024) evidenciam um aumento expressivo de publicações sobre terapias alternativas no pênfigo entre 1992 e 2022, com destaque para compostos naturais com ação antioxidante e imunomoduladora. Essa tendência reflete uma mudança de paradigma em direção à medicina integrativa e personalizada, abrindo espaço para a fitoterapia como adjuvante ao tratamento convencional.

No contexto brasileiro, a biodiversidade oferece potencial para o desenvolvimento de extratos vegetais bioativos capazes de modular vias inflamatórias e reduzir o estresse oxidativo, contribuindo para o reparo tecidual. Essa perspectiva é especialmente relevante em áreas rurais, onde o PFE apresenta maior incidência e onde o acesso a medicamentos biológicos é restrito.

Assim, a análise integrada dos estudos evidencia que a incorporação de práticas fitoterápicas, baseada em evidências científicas e saberes tradicionais, pode representar uma alternativa sustentável e culturalmente adequada ao manejo do pênfigo.

Conclusão

A análise evidenciou que o pênfigo vulgar e o pênfigo foliáceo endêmico no Brasil apresentam forte componente imunogenético e desafios terapêuticos persistentes. Embora os imunossupressores e biológicos melhorem o controle clínico, seu custo e efeitos adversos limitam o uso. Assim, a fitoterapia surge como alternativa promissora, sustentável e integrativa, com potencial imunomodulador, antioxidante e reparador tecidual, especialmente relevante em regiões endêmicas com menor acesso à saúde.

Agências de Fomento

FUNDECT-Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FUNADESP-Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior Particular

CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Referências

AOKI, V.; RIVITTI, E. A.; DIAZ, L. A.; Cooperative Group on Fogo Selvagem Research. Update on fogo selvagem, an endemic form of pemphigus foliaceus. J. Dermatol., v. 42, n. 1, p. 18–26, 2015. https://doi.org/10.1111/1346-8138.12675.

BARCELOS, V. M.; SIVIERO DO VALE, E. C.; ARAÚJO, M. G.; BITTENCOURT, F. V.; et al. Epidemiological and clinical study of cases of endemic pemphigus foliaceus and pemphigus vulgaris in a reference center in the state of Minas Gerais, Brazil. An. Bras. Dermatol., v. 99, n. 1, p. 43–52, 2024. https://doi.org/10.1016/j.abd.2023.03.004.

DE OLIVEIRA, E. V. L.; VIEIRA, F. T. A.; PINHEL, M. A. S.; et al. Differential FCGR2A and FCGR3A alleles/genotypes in pemphigus vulgaris and pemphigus foliaceus in Southeastern Brazil. J. Invest. Dermatol., v. 144, n. 3, p. 702–705.e1, 2024. https://doi.org/10.1016/j.jid.2023.09.268.

WARREN, S. J.; LIN, M. S.; GIUDICE, G. J.; HOFFMANN, R. G.; HANS-FILHO, G.; AOKI, V.; RIVITTI, E. A.; SANTOS, V.; DIAZ, L. A.; Cooperative Group on Fogo Selvagem Research. The prevalence of antibodies against desmoglein 1 in endemic pemphigus foliaceus in Brazil. N. Engl. J. Med., v. 343, n. 1, p. 23–30, 2000. https://doi.org/10.1056/NEJM200007063430104.

ÖZTEKIN, A.; ÖZTEKIN, C. The evolution of Pemphigus publications: a bibliometric analysis with research trends and global productivity. Medicine (Baltimore), v. 103, n. 18, p. e38047, 2024. https://doi.org/10.1097/MD.0000000000038047.

PORRO, A. M.; HANS FILHO, G.; SANTI, C. G. Consensus on the treatment of autoimmune bullous dermatoses: pemphigus vulgaris and pemphigus foliaceus – Brazilian Society of Dermatology. An. Bras. Dermatol., v. 94, n. 2, Suppl. 1, p. 20–32, 2019. https://doi.org/10.1590/abd1806-4841.2019940202.

WANG, X.; HUANG, C.; LI, W.; HONG, Y. Focus on pemphigus treatment publications: A bibliometric and visual analysis (1992–2022). Heliyon, v. 10, n. 7, e28462, 2024. https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e28462.